

Presidente da CBF tenta driblar sobre acerto com Dorival Júnior no velório de Zagallo, cita Velho Lobo como inspiração para o escolhido, mas São Paulo se antecipa e confirma acordo

Ungido por Mário Jorge

MARCOS PAULO LIMA

O presidente da Confederação Brasileira de Futebol soube guardar a sete chaves a estratégia jurídica para voltar ao poder depois de 28 dias destituído do cargo, mas tomou um driblo do São Paulo enquanto se esquivava de todas as formas do assunto Dorival Júnior no velório de Mário Jorge Lobo Zagallo, no Museu da CBF, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio.

Ednaldo Rodrigues dizia aos jornalistas que não comentaria sobre o novo técnico. Falava apenas sobre Zagallo. Usou até a biografia do técnico homenageado na sede da entidade para mandar recado aos jogadores e ao novo dono da prancheta. “Um momento importante para que os atletas possam novamente aproveitar desse legado de vontade, de determinação tanto como atleta como treinador e como torcedor. Que cada um desses atletas possa resgatar esse trabalho que o Zagallo desenvolveu. Para que se inspire nele, para saber que a camisa da Seleção Brasileira tem que ser uma camisa honrada, abençoada e defendida com muita altivez”, cobrou o dirigente.

Paralelamente ao velório, o acordo entre a CBF e Dorival Júnior esquentava e o departamento de Comunicação da entidade perdeu o controle da informação. Dorival Júnior comunicou o acerto ao São Paulo. Disposto a ter Muricy Ramalho como sucessor, o clube colocou em ação o plano B e começou a se movimentar no mercado. As reuniões vazaram até que o tricolor paulista publicou nota oficial anunciando o pedido de demissão de Dorival Júnior. O texto, inclusive, tinha declaração dele justificando a saída.

“É a realização de um sonho pessoal, que só foi possível porque tive o reconhecimento do trabalho desenvolvido no São Paulo. Por isso, tenho de agradecer por ter feito parte desse importante período de reconstrução, liderado com competência pela presidência e pela diretoria. Com o investimento na infraestrutura e o planejamento dos últimos anos, o Clube está preparado para receber os mais qualificados profissionais do mercado. Agradeço também à torcida por todo o carinho e apoio”, disse Dorival.

O presidente Julio Casares se gabou: “O convite feito ao Dorival é mais uma prova de que estamos no caminho certo. Em 2021, a CBF já havia chamado Muricy Ramalho, que seguirá no São Paulo até o fim da minha gestão. Agora, foi a vez do Dorival, que tinha uma proposta de reajuste e ampliação do contrato com o São Paulo também até o fim da minha gestão, em 2026, com todas as garantias para uma estabilidade. Resta desejar boa sorte a seu novo desafio”.

Anfitriã do velório de Zagallo das 9h às 16h de ontem, a CBF se calou. Em meio a uma instabilidade política marcada pela trégua na despedida de Zagallo, a entidade receberá, hoje, representantes da Fifa e da Conmebol para discutir a crise administrativa. Os oito vice-presidentes foram convocados para uma reunião, entre eles, Reinaldo Carneiro Bastos. O presidente

da Federação Paulista de Futebol chegou a anunciar candidatura ao cargo contra Flávio Zveiter em caso de eleição. Isso dificilmente acontecerá.

Quebra de tabu

O fim de Dorival Júnior ao presidente da CBF encerra hiato de 24 anos. A Seleção Brasileira não tinha um técnico paulista desde a posse de Emerson Leão. O ex-goleiro também havia recebido o cargo de um interino paulista: Candinho. Nascido em Ribeirão Preto (SP), Leão tomou posse em 2000. Depois dele, houve um domínio da escola gaúcha. Luiz Felipe Scolari, Dunga, Mano Menezes e Tite protagonizaram uma soberania do Rio Grande do Sul. O carioca Carlos Alberto Parreira e o mineiro Fernando Diniz também passaram pelo cargo.

Portanto, Dorival Júnior quebra o tabu. Aos 61 anos, o treinador natural de Araraquara (SP), cidade localizada a 200km da capital, onde iniciou a carreira na Ferroviária, tem um conterrâneo para se inspirar. Mentor do primeiro título do Brasil na Copa do Mundo, em 1958, Vicente Feola era paulista. Coube a ele comandar o time de Pelé, Zagallo e companhia na conquista inédita contra a anfitriã Suécia.

Um dirigente ligado a Ednaldo Rodrigues confirmou o acerto ao **Correio Braziliense** com um suspiro de alívio seguido de uma informação. “Sim, graças a Deus”. O empresário Edson Khodor teria ido ao Rio de Janeiro e sacramentado o negócio.

Dorival Júnior sucede o interino demitido Fernando Diniz com três títulos conquistados nos últimos 15 meses: uma Copa do Brasil pelo Flamengo, outra no São Paulo e uma Libertadores pelo clube carioca. Assim como na parceria familiar entre Tite e Matheus Bachy, Dorival levará o filho Lucas Silvestre para a comissão técnica. Ele também não costuma abrir mão de dois profissionais: o assistente Pedro Sotero e o preparador físico Celso Rezende.

Experimentado

O novo treinador da Seleção acumula passagens por sete dos 12 times mais tradicionais do país. Em São Paulo, comandou o São Paulo, o Palmeiras e o Santos. No Rio, passou por Flamengo, Fluminense e Vasco. Em Minas Gerais, prestou serviços para Atlético-MG e Cruzeiro. No Rio Grande do Sul, comandou o Internacional.

Dos 20 clubes candidatos ao título da Série A do Campeonato Brasileiro em 2024, 12 foram comandados por Dorival Júnior: Fortaleza, Criciúma, Juventude, Cruzeiro, Vasco, Atlético-MG, Internacional, Flamengo, Fluminense, Palmeiras, São Paulo e Athletico-PR.

Dorival Júnior ficou magoado depois do fim da era Tite. Esperava ter sido convidado para assumir a Seleção Brasileira devido ao peso das conquistas pelo Flamengo antes da Copa do Mundo de 2022. Depois de levar o São Paulo ao título da Copa do Brasil contra o mesmo Flamengo, o treinador desabafou contra quem tentou minimizar o trabalho recente dele em dois times gigantes do futebol brasileiro. O sistema de jogo era considerado feijão com arroz.

“O que é o simples no futebol? Gostam de dizer que determinado treinador é ‘paizão’, por isso ele dá certo. Não é assim. No futebol, o paizão vai até a primeira semana”, disparou. “Se você não tiver conteúdo, organização, disciplina, se você não apresentar soluções, se não desenvolver essas soluções no campo, não mostrar que tem entendimento do que está sugerindo... Pode ter certeza de que o paizão não passa de 15 dias”, emendou.

A estreia de Dorival Júnior será em março nos amistosos contra a Espanha, no Santiago Bernabéu, em Madri; e a Inglaterra, em Wembley, Londres. Na sequência, ele reencontrará o elenco para a disputa da Copa América, nos Estados Unidos, de 20 de junho a 14 de julho. O Brasil está no Grupo D contra Colômbia, Paraguai e Honduras ou Costa Rica.

“É a realização de um sonho pessoal, que só foi possível porque tive o reconhecimento do trabalho desenvolvido no São Paulo. Agradeço também à torcida por todo o carinho e apoio”

Dorival Júnior,
novo técnico da Seleção Brasileira

Artigo

Por Fábio Grecchi*

fabiogrecchi.df@cbnet.com.br



Eu joguei contra Zagallo

O título desta crônica-lembrança-homenagem não é exatamente verdadeiro. Jogar, sim, joguei, mas resta dizer que perdi. E de muito. Vou explicar.

Recém-formado em 1987, em janeiro de 1988 desembarcava eu na produção do esporte da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, chamado pelo brilhante e já falecido Sérgio Noronha e pelo locutor Edson “Bodinho” Mauro, que está ainda hoje na ativa disfarçando (bem) o sotaque alagoano.

Na rádio encontrei um time de cobras (nos dois sentidos), que tinha, então, Ronaldo Castro, Loureiro Neto, Cláudio Perrout, Rui Fernando e outros cujos nomes não lembro. A chefia-geral era de Antonio Porto, que desfilava, lenta e diariamente, pelos corredores da Tupi com charutos Amerino Menendez — baianos, mas de DNA cubano.

Alguém que não me recordo, ao final da jornada esportiva diária, que terminava pelas dez da noite como último programa conduzido por Ronaldo Castro, disse, um dia, que um grupo de jornalistas estava sendo “convocado” para um bate-bola contra a comissão técnica do Bangu. Coisa do também já falecido radialista Jorge Nunes, peladeiro convicto e inveterado.

Me perguntaram se eu topava. Aos 24 anos, você topa qualquer coisa, inclusive, jogar ao meio-dia, debaixo do sol escaldante de Bangu e um campo que era famoso por suas medidas — o então limite da oficial, 110x75 metros, um Oceano Atlântico de grama se você não for acostumado a ele. Aos 24 anos, também se faz muita bobagem, inclusive fumar, que era meu caso — pelo menos um maço por dia, à época.

Fomos lá, em uma segunda-feira, a Bangu encarar a então comissão técnica do time presidido pelo “doutor” Castor de Andrade. No time “deles”, ninguém menos que Mário Jorge Lobo Zagallo, Admilso Chirol (já aí era uma parcela da comissão técnica da Seleção tricampeã de 1970) e mais o preparador de goleiros Paulo Lumumba. Zagallo tinha os cabelos brancos e os de Chirol estavam raros. Adivinhem qual era a dupla de atacantes?

Eles mesmos. Atrás, Lumumba, sabendo que do outro lado tinha um grupo de voluntários e pouco habilidosos jovens, ficou na zaga. Como ele era um homem grande, fácil prever de quem era a vantagem.

Uma alma desavisada me colocou na lateral direita, depois de eu dizer que tinha jogado naquela posição, na Praia de Icaraí. O que eles não sabiam é que isso tinha sido muitos anos e muitos cigarros antes. Mas isso pouco importa. Interessa é que quando a bola rolou, foi um desastre.

Nunes, o peladeiro, acreditava que de alguma forma seríamos ungidos com técnica e conseguiríamos enfrentar, de igual para igual, Zagallo e seu grupo. Aliás, de onde eu via, Zagallo — que estava jogando pela direita, graças a Deus —, parecia estar sozinho em campo, tamanha a facilidade com que passava pelos “adversários”. Chirol, mais recuado, tinha apenas o trabalho de empurrar a bola para o “velho-não-tão-velho-assim” Lobo trabalhar. Nisso, de algum lugar de dentro do campo que não sei qual, Jorge Nunes distribuía palavrões acreditando que, assim, conseguiria organizar o nosso bando (sim, é o que era).

Os gols se sucediam. Um, dois, três, cinco... parei de contar aí, quando pedi para sair pelos motivos de falta de fôlego e noção do ridículo. Nove, dez... fluf... nossa rede só estufava. Apenas 45 minutos bastaram para percebermos que só fariamos gol por benevolência de Zagallo e sua comissão técnica. A tragédia durou apenas um tempo de jogo.

Suados e exaustos, cumprimentamos Zagallo, Chirol, Lumumba e os outros. Não havia pedidos de autógrafos nem selfies, apenas os sorrisos, apertos de mão, abraços e o agradecimento à tolerância — menos a de Jorge Nunes, que continuava a distribuir palavrões, certo de que podíamos ao menos ter empatado — daqueles caras com tão maus futebolistas. Zagallo, por ser muito branco, estava vermelho pela “corridinha” debaixo do sol banguense. Tripudiava, com todo direito, sobre nossas habilidades, tal como, anos depois, tripudiou de certa imprensa que fazia campanha bairrista contra ele na Seleção com o “vocês vão ter que me engolir”.

Podia. Zagallo podia tudo.

*O jornalista é subeditor de Política, Brasil e Economia do Correio Braziliense